

# MAPEANDO MULTIFUNÇÕES DO “ENTÃO” À LUZ DOS MECANISMOS MOTIVADORES DE GRAMATICALIZAÇÃO DE BYBEE<sup>1</sup>

Daiane Aparecida CAVALCANTE<sup>2</sup>  
 Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
 daiane.aparecida20@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo de mapear multifunções do *então* à luz dos mecanismos motivadores de gramaticalização propostos por Bybee (1994), para verificar seu estágio de gramaticalização, em dados da oralidade. A autora (1994) propõe os seguintes mecanismos motivadores da gramaticalização: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. O *corpus* utilizado é o *Linguajar do Sertão Paraibano* (2012), com informantes da zona urbana e zona rural das cidades de Cajazeiras, Catingueira e Catolé do Rocha. Dentre os autores, com quem tentamos dialogar, além de Bybee (1994; 2016), estão: Gonçalves (2007), Infante (1995), Cegalla (1994), Saviolli (1994), Rocha Lima (2012), Melo (1978), Bagno (2011), Azeredo (2011), Coutinho (2011), Castilho (2010), Macário Lopes (2000), DuBois (1985), Tavares (2003), Hopper & Traugott (2003), Votre (2007). Conforme a amostra de dados, o referido item apresenta deslizamentos funcionais, desbotamento e enfraquecimento semântico, conforme sinalizam os mecanismos motivadores mais salientes na análise dos dados: extensão metafórica e harmonia. O *então* apresenta expansão dos traços prototípicos persistentes de sua função-fonte, preservando alguns traços da estrutura relacional original. Também ganha traços pragmático-discursivos da função-alvo, através da memória enriquecida dos falantes e do princípio da extensão imagética. Assim, o item em tela apresenta comportamento multifuncional no domínio textual: sequenciador-retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo; No domínio discursivo: introdutor de turno, perspectivador, organizador de turno e finalizador. Concluimos, portanto, que a função-fonte perde transparência e semantização harmônica em alguns contextos e ganha absorção parcial por parte dos falantes, ou seja, o item mantém características do comportamento funcional de sua função-fonte, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização.

**Palavras-chave:** Estágio de Gramaticalização. Mecanismos motivadores. Multifuncionalidade do *então*.

## MAPPING MULTIFUNCTIONS OF THE WORD *ENTÃO* BASED ON THE MECHANISMS OF CHANGE OF BYBEE GRAMMATICALIZATION

**Abstract:** This paper has the objective of mapping the multifunctions of the word “*então*” based on the mechanisms of change in the grammaticalization proposed by Bybee (1994), in order to verify its stage of grammaticalization, in orality data. The author (1994) proposes the following mechanisms of grammaticalization: metaphorical extension, inference, generalization, harmony and absorption. The corpus used is the *Linguajar do Sertão Paraibano* (2012), with informants from the urban area of the cities and countryside of Cajazeiras, Catingueira and Catolé do Rocha. In addition to Bybee (1994,

<sup>1</sup> O artigo em tela é recorte da pesquisa de Dissertação de Mestrado da autora, intitulada: Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do então (2018).

<sup>2</sup> Mestra em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba.

2016), this paper has been based on: Gonçalves (2007), Infante (1995), Cegalla (1977), Saviolli (1994), Rocha Lima (2012), Melo (1978), Bagno (2011), Azeredo (2011), Coutinho (2011), Castilho (2010), Macário Lopes (1997), DuBois (1985), Tavares (2012), Hopper & Traugott (2003) and Votre (2006). According to the data sample, the aforementioned item presents functional slides, bleaching and semantic weakening, as indicated by the most prominent mechanisms of change in the data analysis: metaphoric extension and harmony. The word *então* presents an expansion of the persistent prototypical traits of its source function and preserves some characteristics of its original relational structure. Also, it gains pragmatic-discursive traits of the target function, through the enriched memory of the speakers and the principle of the imaging extension. Thisway, the item studied presents multifunctional in the textual domain: sequencer-retroactive-propeller, resume, conclusive and summary; In the discursive domain: shift introducer, perspective viewer, shift organizer and finisher. We conclude, therefore, that the source function loses transparency and harmonic semanticalization in some contexts and gains partial absorption by the speakers, that is, the item maintains characteristics of its functional behavior of its source function, which proves the partial stage of grammaticalization.

**Keywords:** Grammaticalization stage. Mechanisms of Change. Multifunctionality of the word *então*.

## 1 INTRODUÇÃO

O advérbio *então* vem sendo objeto de estudo de muitos pesquisadores, por apresentar espectro semântico bastante heterogêneo e natureza híbrida. Em contrapartida, a gramática tradicional o classifica como pertencente a uma categoria gramatical invariável, que exerce as funções de advérbio de tempo e de conjunção conclusiva.

Na seara discursivo-pragmática, com escopo na abordagem funcionalista, o *então* vem apresentando comportamento multifuncional de introdutor de turno conversacional, perspectivador, organizador de turno e finalizador, funções que, por sua vez, coexistem com a prototípica função-fonte.

Partimos da ancoragem de que os usos do elemento *então* são consequentes de uma trajetória de mudança por gramaticalização seguindo o cline da metáfora espaço > tempo > texto.

O presente trabalho tem o objetivo de mapear multifunções do *então* à luz dos mecanismos motivadores de gramaticalização propostos por Bybee (1994), para verificar seu estágio de gramaticalização, em dados da oralidade. A autora (1994) propõe os seguintes mecanismos motivadores da gramaticalização: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. O *corpus* utilizado é o Linguajar do Sertão Paraibano (2012), com informantes da zona urbana das cidades de Cajazeiras, Catingueira e Catolé do Rocha.

O trabalho em tela é constituído por quatro seções: a primeira de cunho introdutório em que apresentaremos brevemente o objeto de estudo; a segunda apresenta explicações sobre o estatuto categorial do advérbio; a terceira aborda os principais conceitos da corrente teórica funcionalista, como gramaticalização e os mecanismos motivadores postulados por Bybee, gramática emergente, memória enriquecida e o princípio da extensão imagética; a quarta seção apresenta o comportamento multifuncional do *então*, a partir da amostra de dados da oralidade do *corpus* Linguajar do Sertão Paraibano, com

informantes da zona urbana das cidades de Catingueira, Catolé do Rocha e Cajazeiras. Por fim, seguem as considerações finais acerca do estágio de gramaticalização do nosso objeto de estudo.

## 2 O ESTATUTO CATEGORIAL DO ADVÉRBIO

A designação advérbio (*adverbium\epirrhema*) aponta para uma determinada relação destas palavras com o verbo (“aplicado ao verbo”) e por isso mesmo foi tratado como o “adjetivo do verbo”, atuando como um modificador do verbo, ou seja, entendemos por modificação, o mesmo que predicação.

Dado que grande parte dos adjetivos também predica, atribuímos aos advérbios o papel de adjetivar e de substituir, visto que ele substitui o sintagma preposicional.

Conforme preconiza Infante (1995, p. 276):

A palavra advérbio apresenta assim como a palavra “adjetivo”, o prefixo “ad” que indica noções como “proximidade” e “contiguidade”. É assim, o nome de outra classe de palavras que se caracteriza principalmente pelas relações que estabelece nas orações: o advérbio é, basicamente, a palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. A função básica dos advérbios é, portanto, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por esses verbos.

Nessa conjectura, o advérbio desempenha a função de modificador, ou seja, predicador do verbo, caracterizando o processo verbal, exprimindo circunstâncias de tempo, lugar, modo, afirmação, negação, intensidade, dúvida etc. Quanto à função, os advérbios formam uma classe heterogênea, como é uma gaveta ampla e rotulada por advérbio, abriga subclasses, exercendo papel temático de modificadores, modalizadores, circunstancializadores, focalizadores, intensificadores, qualificadores, aspectuais e, sobretudo, determinantes de um verbo.

De acordo com Cegalla (1977, p. 170), o advérbio “é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”.

Segundo apregoa Saviolli (1994, p. 369), advérbio é:

A classe de palavras que do ponto de vista sintático vem associada ao verbo, ao adjetivo ou ao próprio advérbio, podendo inclusive modificar a frase inteira. Do ponto de vista mórfico é invariável e, do ponto de vista semântico denota circunstâncias de modo, tempo, lugar, etc.

Rocha Lima (2012, p. 226) pontua que “advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”.

Melo (1978, p. 104) adota a denominação corrente de advérbio para a “palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio e, em certos casos de um pronome ou de um nome”.

Como podemos perceber o *então*, na visão da gramática tradicional, é concebido como uma categoria gramatical homogênea e invariável, que gravita em torno da significação verbal, tendo como principal função a de modificar o sentido do verbo.

Azeredo (2011, p. 192-193) assevera que o advérbio:

É a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas do advérbio. A maioria delas, porém, emprega-se para localizar no tempo ou espaço os objetos a que referência nos nossos discursos. Expressam basicamente posições temporais (advérbios de tempo) relativamente a um ponto convencional na linha do tempo: cedo, tarde, ontem, hoje, amanhã, antes, agora, depois, então, aí, logo, já, etc. Expressam basicamente posições espaciais (advérbios de lugar) relativamente a um ponto convencional, físico ou textual: aqui, aí, ali, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, afora, atrás, alhures, etc.

Azeredo sinaliza a heterogeneidade da categoria gramatical advérbio, devido ela exprimir posições temporais e espaciais, com papel temático dêitico e anafórico. Apontando as características exponenciais dessa categoria como a natureza invariável e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

O objeto de estudo da pesquisa pertence à categoria gramatical de advérbio de tempo, sob a égide da gramática tradicional, exercendo também a função de conjunção conclusiva. Esse comportamento funcional flutuante do *então* ocorre devido ao que explica Coutinho (2011, p. 269) que, ao contrário das preposições, poucas foram às conjunções que o português herdou do latim. Para suprir tal deficiência, recorreu a língua às outras classes de palavras, sobretudo, aos advérbios e às preposições, dando-lhes função conjuncional e, por sua vez, o *então* enquadra-se e desliza-se para essa categoria.

Com escopo em Castilho (2010, p. 543):

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem certa trepidação nessa propriedade; Sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes que ele toma por escopo; A dimensão semântica implica em identificar três grandes classes funcionais de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Finalmente, a dimensão discursiva permite identificar os advérbios que atuam como conectivos textuais. Outra função é a de orientar o eixo argumentativo do texto.

No trabalho em tela, focalizaremos a dimensão discursiva dos advérbios, que atuam como conectivos textuais, com papel temático de operadores argumentativos, como é o caso do nosso objeto de estudo que funciona como um marcador discursivo. Macário Lopes (1997), por exemplo, dá muito relevo ao valor argumentativo de *então* que, por sua vez, se reporta às suas funções no plano textual/discursivo. A autora identifica três valores

semântico-pragmáticos para o *então*: o temporal, o argumentativo e o valor de marcador de estruturação conversacional (1997).

Na esteira discursivo-pragmática, balizados na abordagem teórica funcionalista, o item vem abstratizando-se, apresentando comportamento funcional fluído e escorregadio, gramaticalizando-se no domínio textual em: sequenciador-retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo; no domínio discursivo em: introdutor de turno, perspectivador, finalizador de turno e organizador de turno, funções que coexistem com a função prototípica da sua categoria-fonte.

Na seção seguinte, discutiremos o aporte teórico funcionalista que fundamenta nosso trabalho, trazendo à baila conceitos caros para esta teoria, como gramaticalização e seus mecanismos motivadores, unidirecionalidade, prototipicidade, gramática emergente, memória enriquecida e o princípio da extensão imagética.

## 2 Alinhamento teórico: funcionalismo, gramaticalização e mecanismos motivadores

Considerando a língua um fenômeno sociocultural e dinâmico, similar à metáfora das dunas de areia preconizada por Bybee, as dunas têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem gradiência e mudança no limiar do tempo. Portanto, se quisermos entender os fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é mister que olhemos para além das formas superficiais mutáveis e consideremos, sobretudo, as forças externas que produzem os padrões observáveis.

A língua também é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões, enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis, as línguas diferem umas das outras, possuem sintaxes diferentes, embora sejam notoriamente moldadas pelos mesmos princípios, ainda que difiram em pontos específicos, mas existem similitudes, todas apresentam similaridades nos clines de tipos morfológicos, nas escalas de mudança, nos processos diacrônicos que criam morfemas gramaticais, através do processo de gramaticalização, a natureza da linguagem apresenta, portanto, gradiência, variação e mudança.

É justamente esse tripé: gradiência, variação e mudança, que é o foco de interesse da abordagem funcionalista centrada no uso, em que as categorias gramaticais se atualizam, se gramaticalizam, atuando em função das pressões externas do contexto. Com escopo em Dubois (1985, 1987) que descreve a gramática como um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos interagem com o sistema interno da língua, confrontando, e harmonizando-se sistematicamente entre si.

Sob essa égide, a língua obedece a regularidades discursivas, em que a gramática é pensada como uma organização cognitiva de experiências dos falantes com a língua. Nesse ínterim, pensamos a língua como um fenômeno sempre afetado pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo.

No painel dessa corrente, a gramática é um sistema adaptativo sensível às pressões do uso, é emergente, sendo concebida, segundo Hopper (1988, p. 118), como “um conjunto de parcelas cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo em princípio ser separado das estratégias de construção do discurso”.

Tavares (2012) assevera ainda que a gramática é:

O agregado maleável e internalizado das formações da língua em uso, do discurso, das experiências com a interação linguística durante a vida (Bybee; Hopper, 2001, p. 7). Como tal, a gramática

é uma atividade em tempo real, online, que emerge do seu contexto discursivo, e, dessa forma, é inseparável desse contexto. Não é, portanto, algo distinto do discurso, e sim toma parte ativa em sua constituição sempre que interagimos.

Nessa concepção, não existe uma gramática pronta, acabada, mas existem gramaticalizações, onde o discurso molda a gramática e a gramática molda o discurso, numa relação dialética e simbiótica.

Por gramaticalização entende-se, de acordo com Hopper & Traugott (2003), como o processo de mudança através do qual ao longo do tempo, itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

No que tange à gramaticalização, podemos dizer que é um processo em que as mudanças linguísticas acontecem de maneira gradual, numa escala unidirecional e contínua, onde os itens ou construções migram de um significado mais concreto para um significado mais abstrato.

O processo da gramaticalização efetiva a constante renovação do sistema linguístico, percebido, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes, onde os itens se tornam mais gramaticais e eclode um enfraquecimento e desbotamento semântico das categorias que, por sua vez, não são discretas.

Nessa ótica, as categorias gramaticais passarão a ser categorizadas de acordo com o mundo conceptual, com as experiências dos falantes e o contexto extralinguístico que enovelam o processo de comunicação entre os interlocutores.

No tocante à categorização, Bybee (2016, p. 26) define a categorização como a:

Similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções. Categorização é de domínio geral, no sentido de que as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência, independentemente da língua.

Dessa forma, a sintaxe da língua não é autônoma, a pragmática é a moldura dentro da qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas, a semântica é dependente da pragmática, e as prioridades vão da pragmática para a sintaxe via semântica.

Eis a questão: Então... O que leva os falantes da língua a automatizarem novas funções para formas já existentes?

Votre (2006, 140) justifica essa manutenção de formas e funções, essa necessidade de os falantes, a partir do mundo conceptual, recategorizarem as categorias gramaticais para atender às suas exigências comunicativas. O autor explica esse fenômeno através do que ele denomina de princípio de extensão imagética, onde apregoa que

Assim que uma forma se apresenta ao uso de um grupo, suas potencialidades semânticas se disponibilizam instantaneamente na mente dos usuários, membros desse grupo. As possibilidades de manifestação dessas potencialidades dependem, criticamente, dos

contextos comunicacionais em que se encontrem os membros da comunidade.

Sendo assim, a gramática funcional está atrelada aos mecanismos cognitivos do mundo conceptual dos falantes, a partir das suas experiências com o mundo biofísico, eles num processo de extensão e de transferência metafórica, lançam inferências pragmáticas, a inferência sugerida, a partir da estocagem mental ou memória enriquecida dos falantes.

Segundo Bybee (2016, p.27), memória enriquecida se refere à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados, por isso, a categorização emerge do uso conceptual, desencadeando o processo de gramaticalização.

A gramaticalização desenvolveu-se a partir da ideia de que o discurso motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem traços prototípicos e ganham traços semânticos, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e regulares.

Bybee (1994) postula mecanismos motivadores da gramaticalização que verificam o estágio de gramaticalização dos itens ou construções, que são: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção.

A extensão metafórica é caracterizada por meio de duas propriedades:

- (i) Mudança de domínio mais concreto para um domínio mais abstrato;
- (ii) Preservação de algum traço da estrutura relacional original.

O mecanismo da extensão metafórica denota o estágio inicial da gramaticalização, a primeira propriedade substancialmente consiste no princípio da unidirecionalidade, em que o item ou construção migra de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, ou do menos gramatical para o mais gramatical, através da transferência de sentidos na expansão dos contextos. A segunda propriedade é similar ao princípio hopperiano da persistência, em que o item ou construção mantém traços prototípicos de sua função-fonte.

A inferência remete à implicatura, visto que, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. Ou seja, esse mecanismo se relaciona com a pressão da informatividade e com a inferência sugerida que envolve a implicatura conversacional, os falantes utilizam funções diversas da mesma forma para atender as demandas do contexto comunicativo, evidenciando a multifuncionalidade do item.

A generalização representa a perda de traços específicos de significado, com a consequente expansão de contextos apropriados para o uso. Destaca-se, nesse mecanismo, a frequência de uso do item, ou seja, quanto mais frequente for as ocorrências deste, mais fixo, mais cristalizado, habituado e obrigatório ele será na expansão dos diversos contextos.

O mecanismo da harmonia é restrito a elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico, é aplicável a estágios mais avançados de gramaticalização. Nesse mecanismo, o item perde traços prototípicos, descategorizando-se, ocorre o empalidecimento e enfraquecimento semântico, em que se percebe no item maior presença dos traços discursivo-pragmáticos da função-alvo\meta.

Por fim, a absorção representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado. Ou seja, os falantes absorvem totalmente o uso da função-alvo\ função\meta nos diversos contextos comunicativos.

Na quarta seção, aplicaremos esses mecanismos motivadores da gramaticalização ao nosso objeto de estudo, onde verificaremos no recorte dos dados do *corpus* Linguajar do Sertão Paraibano, doravante LSP, com informantes das cidades de Cajazeiras, Catingueira e Catolé do Rocha, o estágio de gramaticalização do item *então*, analisando seu comportamento multifuncional.

### 3 Análise e discussão dos dados: diga-me com quem tu andas, *então* direi quem tu és

A pesquisa é de natureza descritiva, de cunho quantitativo e qualitativo, visto que iremos verificar a frequência de uso do item em estudo para, posteriormente, criar matrizes de classificação, categorias de análise estipuladas de acordo com o contexto em que o item linguístico está inserido.

O trabalho que ora apresentamos consiste, portanto, em um estudo sobre a gramática da língua. Partimos da *forma* para analisarmos as *funções*. Assim, no final das contas, descrevemos parte do funcionamento de um domínio gramatical, considerando que a recorrência do item analisado e a diversidade de contextos em que se insere permitem a formulação de algumas generalizações.

Levamos em consideração, *a priori*, que os diferentes usos do nosso objeto de estudo apresentam uma origem espacial/temporal e se explicam por um processo de gramaticalização, espaço > (tempo) > texto, trajetória de mudança semântica proposta por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), que um elemento linguístico tenderá a sofrer até atingir o *status quo* de conectivo. A partir desse processo, o elemento linguístico tende a desempenhar funções pragmático-discursivas.

O comportamento funcional do item será observado através da perspectiva sincrônica, tendo em vista nossa preocupação voltar-se para o atual estágio de gramaticalização que o objeto de estudo desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ele conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua.

No que tange à fase da coleta dos dados, fizemos cuidadosa leitura do recorte da amostra de fala do LSP, contemplando os informantes da zona urbana e zona rural, das cidades de Cajazeiras, Catingueira e Catolé do Rocha, guiada pela busca de ocorrências do *então*. Na sequência, quantificamos os usos do item encontrados nas entrevistas. Para quantificar percentualmente a frequência de uso nos domínios funcionais: textual e discursivo utilizamos o programa Excel 2016, gerando a tabulação de dados com mais precisão.

Para proceder à análise, segmentamos os dados em dois domínios: o textual e o discursivo. O termo *domínio funcional* foi postulado por Givón (1984), e costuma ser evocado frequentemente em estudos funcionalistas da língua. Aqui, entendemos domínio como o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma dada forma linguística em uma dada língua.

Nessa perspectiva, defendemos a existência de um componente mais geral, considerando que o uso das estruturas linguísticas está a serviço de um determinado conteúdo. Isso significa que sobre toda atividade linguística paira o valor semântico, e ele perpassa todos os outros domínios funcionais, já que é emoldurado pelo plano do sentido, da significação e da categorização conceptual.

A análise, ao especificar os domínios em textual e discursivo, leva em conta as formulações nas quais o valor funcional realça a contextualização da produção e circulação do texto. Assim, ressalta-se que o sentido dos termos e o propósito comunicativo do



usuário parece predominar sobre as demais subfunções. Ou seja, é uma questão de saliência e não de exclusividade.

No domínio que designamos de textual, os elementos linguísticos atuam na textualidade, conectando informações, mas podem ativar relações semânticas que direcionam a interpretação. Assim, na conexão de orações, por exemplo, os termos comporiam a sequencialidade do fluxo informacional, ao mesmo tempo em que atuariam relações de sentido.

Neste domínio, destacam-se, a nosso ver, as seguintes funções do *então* no recorte da amostra dos dados de fala, do *corpus*, doravante LSP: sequenciador retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo

No domínio em tela, registramos 41 ocorrências do *então*, desempenhando as funções de sequenciador retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo, conforme ilustra a tabela e gráfico com a distribuição de frequência por funções do item abaixo:

**Tabela 01-** Distribuição de ocorrências do *Então* no Domínio Textual

Funções	Ocorrências
<b>Sequenciador-retroativo-propulsor</b>	35
<b>Retomador</b>	07
<b>Conclusivo</b>	10
<b>Resumitivo</b>	07
<b>Total:</b>	59

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na amostra de dados, foram registradas 35 ocorrências do *então* na função retroativa-propulsora, o que pode ser entendido como revelador de uma vitalidade maior do item nessa função, considerando que ele é bem mais frequente que nas outras funções com quem rivaliza nesse domínio, ou seja, as de retomador, conclusivo e resumitivo.

Sabemos que os conectores sequenciadores estão entre os elementos linguísticos que contribuem para o encadeamento entre as informações apresentadas nas porções textuais. Segundo Tavares (1999, 2003, 2008), a relação semântico-pragmática de sequenciação textual é de baixa complexidade, representando um processamento cognitivo mais rápido e econômico tanto para o falante/escritor quanto para o ouvinte/leitor, uma vez que apenas indica a cronologia do discurso, assinalando a ordem sequencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas.

A esse processo de sequenciação, Mira Mateus (1983, p. 187) chama de conectividade sequencial, pontuando que:

A latitude e importância da conectividade sequencial tornam-se evidentes se tivermos presente que, devido à natureza fônica do significante, as manifestações naturais da linguagem humana se estruturam (na superfície) com base numa concepção unidimensional do tempo, numa concepção do tempo como conjunto de momentos sucessivos. Tal fato determina que a ocorrência dos elementos linguísticos se processe por sucessividade, ou seja, a superfície textual é sempre uma sequência linear de elementos linguísticos com uma dada configuração prosódica. Assim, podemos dizer que todos os processos de

sequencialização que asseguram uma ligação significativa – nos diversos níveis de análise – entre elementos que ocorrem na superfície textual são instrumentos de coesão.

Dessa forma, o item, quando atua na função sequenciadora, exerce um papel conectivo de ligar as porções textuais, elucidando que há entre elas um nexos lógico, uma sequenciação linear dos fatos desenvolvidos no fluxo temático, o que evidencia a interdependência semântica das informações dispostas do turno conversacional.

Confirmamos os excertos que ilustram esse comportamento funcional do item:

(01) **E**: A gente queria que você falasse um pouco sobre Cantiliano de Andrade. [risos] Quem é este nome ilustre? **Inf**: é o pai da minha mãe. Ahn. Meu avô foi um grande nome aqui, né, ele... ...foi muito reconhecido por todo mundo, pelos atos dele, principalmente sociais e tudo. **Então**, o meu avô, eu tenho, apesar de eu não conhecer, eu tenho uma grande admiração por ele, pela história dele. Por ele, por tudo, pela criação que ele tinha com os filhos, e pelo homem que ele foi. **Então**, vovô, o que eu sei dele é assim, ele foi pra uma festa, no clube, né, e entre um tiroteio ele recebeu uma bala perdida no coração. **Então**, ele morreu instantaneamente, né, e qua/ era a primeira vez que minha mãe ia numa festa. Aí, quando veio uma pessoa, amigo da minha mãe, trazendo o corpo do meu avô no carro... Aí encontrou ela, com ela na rua, aí parou, aí disse, 'olhe, não vá pra festa não que seu pai, que acabaram de matar seu pai'. Aí ela ficou arrasada, assim. **Então**, minha mãe com uns catorze anos de idade... ...e minha avó criou doze filho sozinha, praticamente. Que eram todos pequeno. **Então** a minha tia mais nova não conheceu meu, meu avô, porque era muito pequeno. Não, não lembro dele, não cheguei a conhecer. **Então**, o meu avô foi um homem muito, assim. (Informante do município de Catolé do Rocha – Zona urbana).

No dado (01), o informante, seguindo uma instância narrativa, inicia o tópico discursivo comentando sobre a vida de seu avô Cantiliano de Andrade. Posteriormente, o falante começa a narrar fatos que aconteceram na vida de seu avô. O item *então* exerce valor textual de sequenciador. Vejamos que a porção textual anterior se liga à posterior, por exemplo: “*Então*, ele morreu instantaneamente”, remetendo-se ao falecimento do avô, inferido na porção textual anterior. O item *então* também propulsiona o avanço e a progressão textual, sequencia informações, estabelecendo relação entre um enunciado passado e um futuro.

Na amostra de dados, foram registradas 07 ocorrências do *então* na função retomadora, em que o item *então* exerce somente a função anafórica, atuando como sequenciador retomador. O item, nessa função, recupera o assunto da porção textual anterior. Geralmente aparece conjugado com os itens *isso* e *aí*. Ao desempenhar essa função, ele preserva o traço fórico de retroagir, porém, não direta e nem tampouco, necessariamente, para a porção anterior, e sim para uma porção um pouco mais distante.

Tavares (1999, p. 24) salienta que o *então* na função sequenciador retomador

Recupera o assunto assim interrompido, permitindo sua continuação. É possível que, no processo de retomada, a informação reapareça de forma literal, ou com a alteração de alguns vocábulos, ou apenas seja recolocada em foco pelo apontamento para trás realizado pelo conector, sem haver seu resgate textual. Quando a digressão é longa, pode ser caracterizada como um novo tópico. Neste caso, o sequenciador retomador atua como reintrodutor do tópico interrompido.

Sob esse ângulo, o *então*, em função retomadora, atua no texto, na medida em que une sintática e semanticamente duas porções textuais separadas por uma inserção. Tanto do ponto de vista sintático como semântico, a junção estabelecida revela um caso de continuação: dá continuidade aos segmentos textuais e também ao assunto do tópico discursivo.

O item, na função retomadora, retroage para outras porções textuais, atuando como reintrodutor do tópico discursivo, atua como um elemento continuador do discurso. Aqui, percebemos que a relação texto e discurso é indissociável: o item atua conectando partes do texto, mas também tem uma função discursiva importante: a de recuperar o tópico. Confirmamos o exemplo abaixo:

(02) **Inf.:** Em Catolé do Rocha criou um vínculo de violência devido brigas de famílias... ..né, famílias contra famílias. Isso sempre existiu... ..e é uma coisa que é plantada e colhida.....e nunca irá, eu acho que o meu pensamento, o meu ponto de vista, nunca irá acabar isso aqui em Catolé do Rocha... ..que é aquela divergência entre famílias. E, as pessoas hoje não têm coração, né. O que vem em primeira mão é tirar a vida de, de um outro cidadão. Pra eles eles só se conformam com isso. **Então, isso** foi uma das causas que mais elevou esse nome ruim de Catolé do Rocha de cidade violenta, foi essas divergências, brigas... ..entre famílias, coisas que não acabaram ainda. E hoje, além disso, nós temos uma outra junção que tá influenci/ mun/ influenciando muito a violência.....não só aqui como no país inteiro, no mundo inteiro, que é as drogas, né. (Informante de Catolé do Rocha- Zona urbana).

Os itens *então* e *isso* do dado (02) realizam função anafórica, visto que, são dotados do traço fórico de retroagir para a porção textual anterior, e acumulam a função de juntores, atuando como elementos coesivos que desencadeiam o avanço da progressão textual.

Outra função na qual o item parece bem acomodado é a de item conclusivo. No *corpus*, foram registradas 10 ocorrências do *então* cumprindo esse papel. Martelotta (1996) já identificava esse papel funcional do *então* como sequencial conclusivo, em alguns contextos, pois, segundo o autor, o item apresenta um valor conclusivo, ao iniciar cláusulas que expressam uma consequência em relação ao que foi dito anteriormente.

Esse uso do elemento *então* é decorrente de um processo de gramaticalização via pressão de informatividade, uma vez que emerge de contextos que o pressionam. O valor conclusivo do elemento *então* é uma variante do *então* sequencial, que provém do uso anafórico. Vejamos o exemplo:

(03) **E:** Você conhece pessoas assim que trabalha, estuda?

**Inf:** Conheço, eu // sou uma. **E:** Conhece. Ahn, você trabalha e estuda? **Inf:** Eu trabalho, eu faço, estudo, pela manhã eu faço o ensino médio. Aí, como entrou o técnico aqui no Comercial esse ano, aí eu comecei a fazer o técnico à noite. E trabalho pela tarde. **E:** Trabalha à tarde, de quê? **Inf:** Eu trabalho à tarde ajudando minha madrinha ensinar as, as (XX) domésticas, entendeu? **E:** E, como é que você se sente, assim, nessa vida corrida? **Inf:** Ah, é corrido, mas eu acho que, assim, tudo vale a pena nessa vida e.....c/ aquela coisa que a gente consegue com facilidade, a gente não dá valor. **Então, portanto**, eu acho que é melhor correr atrás daquela coisa mesmo.....e, conseguir ela com dificuldade, pra futuramente.....eu saber olhar pra traz e ver os esforço que eu tive e dar valor aquilo que eu tiver. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

No exemplo acima, o informante do município de Cajazeiras encerra o turno conversacional, fazendo uso do item *então*, em contiguidade com a conjunção conclusiva, *portanto*, reforçando a ideia conclusiva. Em contextos como esse, são dadas as condições iniciais para que um item absorva a função própria do termo que o acompanha. Provavelmente, ao ser recorrente em usos conjugados como esse, o item pode estar se inserindo em um contexto funcional inovador e pode vir, futuramente, a assumir sozinho o papel que anteriormente cabia ao outro item que o acompanha.

No recorte da amostra dos dados, foram registradas 07 ocorrências do *então* resumitivo. Essa função do *então* ocorre quando o falante resume tudo em uma cláusula, com a finalidade de dar por encerrado o assunto do turno conversacional.

Martelotta (1996), analisando situações semelhantes, diz que se trata de um tipo de *então* conclusivo, que não se limita a ligar orações, dando-lhes uma orientação argumentativa, mas funciona como um elemento organizador do texto, no sentido de que conclui uma fala através de uma frase que engloba e resume tudo o que foi dito.

Observemos o dado que ilustra esse comportamento funcional do item:

(04) **E:** Tem muitos jovens que estão, assim, só naquela ideia [carro] de 'ah, eu não preciso estudar porque eu vou co/ eu consigo um emprego às vezes que ganha até mais do que outra pessoa que tava estudando', né? Como é que é sua opinião sobre isso? **Inf:** Eu acho que se a pessoa estudar. ...aliás, o estudo é a única coisa que uma pessoa.....você pode tirar.....outra pessoa pode lhe tirar dinheiro, pode lhe tirar tudo, menos o seu conhecimento, certo? Jamais... **Então**, o estudo pra mim é fundamental (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

No dado acima, o informante do município de Cajazeiras, em uma instância argumentativa, que tem como fluxo temático a importância dos estudos, da educação em si, resume em uma cláusula, sua opinião acerca do fulcro temático discutido no turno: “*Então, o estudo pra mim é fundamental*”.

Constatamos a partir desse recorte da amostra de dados, que o item *então* está experimentando o cline unidirecional da metáfora: espaço > tempo > texto, além de desempenhar funções textuais, ativando as relações anafóricas, sequenciando informações,

encadeando-as, atuando como conector e juntor das porções textuais. É mister destacar que no domínio discursivo o item desempenha as funções: introdutor de turno, perspectivador, organizador de turno e finalizador.

O domínio discursivo é ancorado nos moldes do Discurso que, segundo Castilho (2010, p.133), é

O conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização de sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse.

Assim, nosso entendimento de domínio discursivo o toma como a instância que está para além do linguístico, relacionada ao evento e a tudo que o envolve, tal como o assunto, os interlocutores, as estratégias argumentativas, entre outros. Essa concepção possibilita que um item cumpra ao mesmo tempo funções textuais e discursivas. Por isso, a classificação que realizamos aqui se pauta pela saliência da função e não pela exclusividade.

Confirmamos a tabela que ilustra tais comportamentos multifuncionais do item:

**Tabela 02 - Distribuição de ocorrências do *Então* no Domínio discursivo**

Funções	Ocorrências
<b>Introdutor de turno</b>	02
<b>Perspectivador</b>	08
<b>Organizador de turno</b>	10
<b>Finalizador</b>	15
<b>Total:</b>	35

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O *então* **introdutor de turno** conversacional, com 02 ocorrências no *corpus*, funciona como um marcador discursivo, considerando que ele é utilizado pelos falantes como uma estratégia comunicativa, atuando como um instaurador do contato do interlocutor com a audiência.

Nessa direção, Risso (1996) define como MDs (marcadores discursivos) um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala, e no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional, pertencendo à organização, à estruturação e à apresentação do conteúdo discursivo.

O introdutor de turno é, na verdade, uma estratégia conversacional por parte do falante. De acordo com Preti (2004, p. 151), estratégias conversacionais:

São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos;

para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento.

Portanto, o *então* na função de introdutor de turno é uma estratégia discursiva de planejamento do falante, faz parte dos frames cognitivos do discurso, visto que, para ser compreendido, o falante precisa articular as informações, elaborá-las, organizá-las de forma coesa e coerente para que a comunicação seja estabelecida.

Observemos o excerto:

- (05) **E:** Essa questão do Bolsa Família, como é que você vê? **Inf:** **Então...**alguns, não sei se é coisa de oposição, chamam bolsa miséria. Porque, não sei se é coisa de oposição, eu acho que não. E ao mesmo tempo eu acho que sim porque, o candidato José Serra, à presidência, ele disse que e/ Lula, o ex-presidente Lula tinha tornado opovo brasileiro preguiçoso, por causa disso, do, desses programa sociais, Bolsa Família, tal. Em certo tempo sim, mas tem gente, porque não pode generalizar, ele disse... ...se ele disse 'ah, o presidente Lula tornou o povo brasileiro preguiçoso'. 'Povo brasileiro', então ele generalizou. Não pode generalizar uma questão dessa. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

O *então*, no exemplo citado, tem valor de marcador discursivo. Notamos que o item não apresenta correspondência semântica com o desenvolvimento do tópico discursivo, ele apenas funciona como um introdutor do turno conversacional, atuando na abertura do turno conversacional, como elemento sustentador e estruturador do fluxo temático. Antecipando-se às informações a serem processadas no decorrer do tópico discursivo, o item nessa função atua na abertura do jogo interativo de perguntas e respostas que constituem o processo comunicativo do gênero entrevista sociolinguística.

Mapeamos 08 ocorrências na amostra de dados, do *então* na função de perspectivador. O item *então* está se inserindo em contextos que demarcam a perspectiva, o ponto de vista do falante acerca do conteúdo temático desenvolvido no tópico discursivo. O item, nesse caso, vem conjugado a verbos modalizadores epistêmicos, a exemplo de *eu acho*, *eu acredito*, como também, ocorre em sequências argumentativas, em relatos de opinião do informante sobre determinado assunto.

Assim, a atitude do falante é marcada pela subjetividade e modalização. Isso implica que o falante irá trazer marcas argumentativas, modalizadoras e subjetivas na trama discursiva. Para Traugott (2010), a subjetividade pode ser observada na expressão de um determinado significado que resulta de convencionalizações de inferências contextuais, ou seja, de implicaturas conversacionais sugeridas pelo contexto. Para a autora, as expressões de subjetividade estão associadas à atitude do locutor.

Sob essa ótica, a subjetividade é concebida como um processo de mudança semântica em que uma determinada situação externa passa a indicar perspectivas, atitudes, avaliações e crenças do locutor. Langacker (1987) assevera que a perspectiva abarca a manifestação de posição da qual uma determinada situação é vista, sob qual ângulo e ponto de vista o sujeito conceptualizado se posiciona.

Vejam os dados que ilustra esse comportamento funcional do item:

- (06) **Inf.:** Agora, me diz uma coisa, ahn, você tem, assim, informação de como que era a vida dos escravos aqui nessa região? **Inf:** Basicamente não tenho, pela questão da... Mas acredito

que não seja de muito diferente de, da vida dos escravo, ahn, ahn, em outros locais do país, né? Era uma vida sofrida, não tinha, não tinha acesso à casa da família, né, uma casa por trás do, do, da casa grande. Tratado como escravo, mesmo, e, e voltado pra questão da lavoura, mesmo. De, de, do trabalho braçal mesmo que eles fazia, né? **Então, acredito** que não seja tão diferente da, do que nós já sabemos como é a vida dos escravo, como é que os escravos sofreram... ..durante a época da escravidão. E a habilidade de Inácio de mesmo com toda essa dificuldade e, enfim, s/ ele ser voltado pra questão da, do trabalho braçal, da agricultura e conseguiu se destacar com os poemas, com verso, então. (Informante de Catingueira- Zona urbana).

É notório que no dado acima mencionado, o item *então* está conjugado com o verbo acredito, que denota a crença do informante se posicionando diante do fluxo temático do turno, no qual o entrevistado pergunta se ele sabe como era vida dos escravos na região e ele se posiciona explanando que acredita que não seja diferente da dos outros escravos.

Foram identificadas 10 ocorrências do item do *então* na função de **organizador de turno**. O *então* é assim denominado, levando-se em consideração que a negociação interativa é realizada *online*, quando o falante, para organizar o fluxo do relevo informativo, pausa para elaborar e organizar as porções textuais discursivas posteriores; pausa para, em seguida, introduzir outras informações novas no turno conversacional.

Confirmamos o dado que segue:

(07) **Inf:** Porque nós temos aqui, somos abranjado por um grande açude, que é o açude Cachoeira dos Cego, que tem mais de oitenta milhões de metro cúbicos de água. **E:** Como é que é o nome dele?

**Inf:** Açude do Cegos. E, ahn, ajudou muito, porque as pessoas tão lá, pode, ahn, peixe, enfim. Eu acho que deu uma melhorada, sim. Com relação ao que já passaram, eu acho que, que tem melhorado. Tem melhorado bastante, então não vive numa situação tão, tão complicada. E nós temos a outra região rural aqui, que é dos assentamentos, né, que é a região sul que tem... ..dois assentamentos, aí tem um assentamento em si que nós sentimos que, que passa mais dificuldade, não tem tanto acesso à água, que as pessoas têm mais dificuldade. **E:** Mas n/ com relação ao que já foi melhorou muito, se for num sítio hoje a maioria das casa tem uma moto, né? Antena parabólica, **então... Ahn**, comparando com o que já passou, acho que deu uma melhorada, sim. Ahn, esse açude serve pra abastecer a cidade de água também, vocês usam água pra, pras casas normalmente, como que // é? **Inf:** Sim, eu, nós usamos, há uma, uma... ..foi feito, ahn, através do governo do estado alguns anos atrás e...e a agui/ água aqui no município é abastecida com, com, com a água do Açude do Cego, **então...** ...nós passávamos uma dificuldade danada na época da seca, que não tinha fonte de água aqui no município. Né, usa/ era uma açude pequeno que tinha, que chamava o açude do prefeito. (Informante de Cajazeiras- Zona urbana).

No exemplo 07, o item *então* vem conjugado com as hesitações sinalizadas pelas pausas, o intervalo do turno discursivo realiza a pausa na informação para, adiante, introduzir mais conteúdo. Nesse caso, o item funciona como um preenchedor de pausa discursiva, com o intuito de evitar o silêncio enquanto a informação do turno conversacional é formulada, organizada, atuando na manutenção do turno.

O *então*, na **função finalizadora**, aponta para o fechamento do tópico discursivo, indicando a ideia de conclusão do fluxo temático do turno. O *então* nessa função geralmente vem conjugado com elementos anafóricos, como o pronome demonstrativo *isso*, como também, pode vir acompanhado dos itens conclusivos, *portanto*, *assim* e *por isso*, que, a partir do efeito da contiguidade, reforçam a ideia de desfecho da sequência do turno conversacional.

O *então* na função de finalizador atua no fechamento do subtópico discursivo. O item, por apresentar natureza fluída, apresenta mobilidade, aloca-se em diferentes posições no turno conversacional.

Jubran et al. (1991) afirmam que a delimitação dos segmentos tópicos se justifica por marcas as quais não se caracterizam por ter um padrão de ocorrência. Segundo os autores, há fatores que dificultam a sistematização pelo fato de serem marcas facultativas, quando os segmentos tópicos nem sempre estão marcados em início e fim e multifuncionais, quando os elementos que marcam as delimitações tópicas não assumem essa função de maneira permanente, como é o caso do marcador discursivo '*então*'. Esse marcador pode estar presente em diversos momentos do segmento tópico e co-ocorrentes, quando se percebe uma tendência a um aglomerado de procedimentos em um mesmo ponto.

Vejamos o dado que evidencia esse comportamento funcional do item:

- (08) **E:** E se a pessoa não, por exemplo, não faz uma, // um cu/ ahn, um curso, aí, e fica aqui? **Inf:** Ahn, muitos, que antigamente era mais assim, terminava o terceiro ano, pronto, parava. Ou ia morar fora, trabalhar fora, ou ficava em casa mesmo, só cuidando de casa. Até, por exemplo, que nem antigamente. Ficava em casa, cuidando de casa e terra, arranjava um casamento, casava, pronto. Ficava dependente do marido. **Ou então**, o marido trabalhar. São Paulo, deixava a mulher esperando. **E:** Eu queria começar com um assunto que eu achei interessante ali no almoço, foi, assim, pra senhora falar um pouco dessa relação que há entre o sertanejo e a rapadura. **Inf:** interessante, eu n/ eu não sei, eu não sei, nas demais cidades que vocês andaram, mas aqui em Catingueia, eu, pelo menos, minha família sempre teve esse hábito de comer a rapadura. Ou durante o almoço, ou após o almoço. Isso foi um hábito que eu adquiri com meu pai. Meu pai, ele sempre, ele s/ ahn, ele veio da zona rural... **E,** eu, eu acredito que a relação da rapadura vem da relação mais antiga dos lavradores. Porque eles tinham aquele hábito de comer. Como, como o lavrador, o agricultor tem um poder aquisitivo bem menor e principalmente antigamente, hoje não, hoje a gente pode dizer que as benesses aí, do governo, ahn, o próprio estilo de vida já tá melhor. Mas antes era um, um, era um, eram mui/ eram muitas pre/ muito precários as condições de vida. **Então**, era o quê? Era o feijão com farinha, que o feijão tem

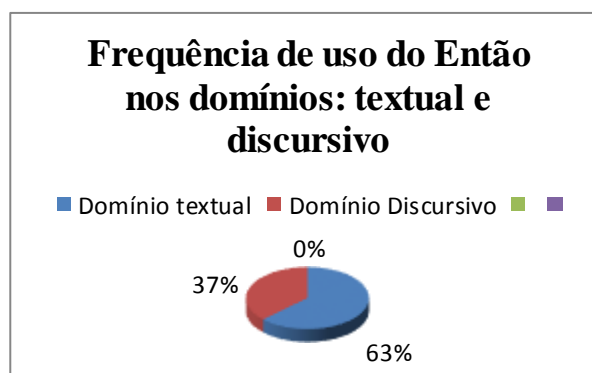


ferro..... a farinha eles acreditam que é forte. (Informante de Catingueira- Zona urbana).

No dado acima, a centração do tópico discursivo consiste na questão do estudo, em que o entrevistador pergunta ao informante se a pessoa que não estuda, que não faz um curso, se fica na cidade, o falante responde que antigamente os homens iam trabalhar fora, ou seja, migravam para São Paulo em busca de uma vida melhor, e as mulheres ficavam em casa, trabalhando nas atividades domésticas. Assim, o *então* atua no fecho da interação do falante com o entrevistador, sinalizando o fim dessa sequência interativa do turno, para que a progressão e a abertura de outro turno se estabeleça com outras informações novas, no caso, o subtópico do turno é sobre a relação do sertanejo com a rapadura.

Nesta conjectura, denotamos que a amostra de dados aponta a sobressalência e maior saliência funcional do item no domínio textual, conforme elucidada o gráfico abaixo:

**Gráfico 01** - Frequência de uso do *Então* nos domínios: textual e discursivo



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O gráfico indica a sobressalência e saliência na amostra de dados, da coesão da fluidez textual do item, denotando o percentual de 63% da frequência de uso, em relação às suas funções discursivo-pragmáticas, que demarcam 37% de frequência de uso por parte dos falantes.

Ao defendermos que o *então* transita do domínio textual para o discursivo, estamos implicitamente advogando a existência de um *cline* experimentado pelo item: espaço > tempo > texto > marcador discursivo.

Podemos aventar, por exemplo, que quando o *então* aparece nas funções de introdutor ou organizador de turno, ele se afirma como uma estratégia discursiva de planejamento do falante, faz parte dos *frames* cognitivos do discurso. De igual modo, ao exercer a função de perspectivador, o *então* sinaliza o ponto de vista do falante acerca de um determinado conteúdo temático desenvolvido no turno discursivo. Essa é, portanto, uma estratégia subjetiva do falante para demarcar sua aproximação a respeito do fluxo temático. Temos, nos dois casos, exemplos em que o domínio discursivo prevalece sobre o textual. E o item transita de um para outro, cumprindo seu papel de recurso importante para as demandas comunicacionais dos falantes, sejam elas textuais ou discursivas.

Relacionando esse comportamento funcional do *então* ao mecanismo da harmonia, conforme proposto por Bybee (1994), podemos afirmar que o *então*, ao transitar do domínio textual para o discursivo, perde harmonia e transparência semântica, torna-se mais abstratizado, desbota-se semanticamente e passa a desempenhar funções mais discursivo-pragmáticas.

Assim, perfaz-se um percurso que vai da origem adverbial, de valor semântico mais concreto, até chegar à subjetivização, somente possível em domínios discursivos. Desse modo, desenha-se o *cline*: espaço > tempo > texto e advérbio > conjunção > marcador discursivo.

O *então* sequenciador indica que o item perde harmonia semântica de sua função fonte e passa a atuar no texto, sequenciando as porções textuais, encadeando-as, como um elemento de coesão, juntando as porções do texto, estabelecendo a ordem sucessiva e cronológica dos fatos.

Como vimos, o item *então*, ao migrar do domínio semântico original para atuar nos demais contextos, sejam textuais, sejam discursivos, altera a transparência semântica. No que diz respeito aos mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994), conforme a amostra de dados, notamos que o mecanismo mais saliente foi a extensão metafórica, destacando a propriedade: mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, em que o item *então* transita do domínio textual, mais concreto, para o discursivo, mais abstrato.

Aplica-se também, na amostra de dados, o mecanismo da harmonia, pois percebemos que o *então*, ao migrar de um domínio mais concreto, perde traços semânticos prototípicos e ganha traços semânticos e discursivo-pragmáticos, eclodindo, na verdade, uma relação de mais ganhos que perdas.

Portanto, é perceptível que a função-fonte perde transparência e semantização harmônica em alguns contextos e ganha absorção parcial por parte dos falantes, ou seja, o item mantém características do comportamento funcional de sua função-fonte, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização.

Dessa maneira, a análise dos dados permite anotar que o item se encontra em estágio mediano de gramaticalização, seguindo o *cline*: domínio mais concreto > domínio mais abstrato.

## Considerações finais

Considerando a amostra de dados analisados, o item *então* apresenta deslizamentos funcionais, desbotamento e enfraquecimento semântico, conforme sinalizam os mecanismos motivadores mais salientes na análise dos dados: extensão metafórica, inferência e generalização. O *então* apresenta expansão dos traços prototípicos persistentes de sua função-fonte, preservando alguns traços da estrutura relacional original. Também, ganha traços pragmático-discursivos da função-alvo, através da memória enriquecida dos falantes e do princípio da extensão imagética.

Na amostra analisada, é predominante o papel progressivo de coesão e o impulsionamento que o item traz para a fluidez textual, desempenhando as funções de: sequenciador, retomador, resumitivo e conclusivo, seguindo, portanto, o *cline* unidirecional: advérbio > conjunção conclusiva > sequenciador > retomador > resumitivo.

Constatamos que o item se encontra em estágio mediano de gramaticalização, não completando o ciclo de descategorização, isto é, o *então* não perde totalmente os traços prototípicos da sua função-fonte, o desbotamento semântico, o empaldecimento e a neutralização semântica do item são parciais. Ocorre, assim, perda parcial de transparência semântica, mas a função alvo não apaga, nem tampouco anula, a emergência de outras funções divergentes do item.

Portanto, há mais ganhos pragmático-discursivos do que perdas. Sendo assim, corroboramos que o que ocorre é a coexistência harmônica entre as duas funções: função-fonte e função alvo, o que evidencia o estágio parcial de gramaticalização do item.

## Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DUBOIS, J.W. *Competing Motivations*. In: Haiman, J (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd. et al. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1995.

JUBRAN. Clélia C. A. S. et al; Organização tópica da conversação; In: ILARI. R (org.). **Gramática do português falado**; Vol. II: Níveis de análise linguística; Campinas: Unicamp; 1991. p.357-399.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites, v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

MACÁRIO LOPES, Ana Cristina / Morais, Maria da Felicidade Araújo. 2000. Antes

e depois: *elementos para uma análise semântica e pragmática*, in: *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXIII, 1999-2000, pp. 183-243.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

MIRA MATEUS, Maria Helena et alii. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.

PRETI, Dino. **Estudo de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 26/02/2003.

SAVIOLLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. São Paulo: Ática, 1994.

VOTRE, S.J.; OLIVEIRA, M. R. de. Para uma teoria pancrônica das atividades lingüísticas. In: FÁVERO, Leonor L., BASTOS, Neusa B. & MARQUESI, Sueli C. (orgs) **Língua Portuguesa** – pesquisa e ensino, vol. 1. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2007, p. 153-163.